

A FIGURAÇÃO DA MEMÓRIA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO POR J. J VEIGA EM *A CASCA DA SERPENTE* E EUCLIDES DA CUNHA EM *OS SERTÕES*

Marleide Santana Paes¹¹⁸
(UESB)

Lúcia Ricotta Vilela Pinto¹¹⁹
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto entender os procedimentos de produção histórica e ficcional para a representação da memória de uma personagem cara à literatura brasileira: Antônio Conselheiro. Para tanto, objetiva-se responder à seguinte pergunta de pesquisa, que acredito ser uma das questões centrais pelas quais este trabalho será norteado: trata-se de se indagar os motivos pelos quais José J. Veiga optou por construir uma imagem de Antônio Conselheiro, em boa parte desarmônica da idéia figurada deste beato n'Os Sertões.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Identidade; História; Ficção; Memória.

INTRODUÇÃO

Cogita-se a possibilidade do romance **A Casca da Serpente** ser a representação poética da imagem póstuma de Antônio Conselheiro, uma espécie de “identidade reclamada”, requerida estritamente nos limites do discurso ficcional, a partir do pacto mimético; mas que operacionaliza sua construção textual a partir de uma relação dialógica com a figuração que Antônio Conselheiro recebeu no livro **Os Sertões**.

Ao que parece, a configuração que Euclides da Cunha cria para Antônio Conselheiro em sua célebre obra possibilitou em certa medida, a construção de uma “memória cristalizada” deste importante

¹¹⁸ Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual da Bahia (Uesb).

¹¹⁹ Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Ricotta (doutorado em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e pós-doutora pela Unicamp – Universidade Estadual de Campinas).

personagem histórico. Trabalha-se aqui com a hipótese de que esta “cristalização memorialística” favoreceu a constituição da identidade histórica que a sociedade brasileira, do século XX e XXI tem a respeito deste personagem. Neste trabalho, esta identidade será entendida como “identidade proclamada”.

Teremos então aqui a análise de apenas um personagem, Antônio Conselheiro, o cabeça do povo sertanejo na ocasião da Guerra de Canudos, nos fins do século XIX. Esta figura, porém, será analisada sob duas perspectivas: uma que, se apoiando na história factual, nos conta “o que foi” a saga de Antônio Conselheiro e seu fim trágico no confronto com o Exército Republicano, trata-se de **Os Sertões**; outra que, se apoiando nos limites da ficção literária, oferece-nos a oportunidade de imaginarmos um fim que poderia “ter sido” para Antônio Conselheiro/tio Antônio e seus heróicos jagunços, trata-se de **A Casca da Serpente**. Estas questões serão compreendidas, à luz das teorias de Paul Ricoeur, (2007, p.94) que faz as definições de “identidade proclamada” e “identidade reclamada” e enfatiza como estas distintas “identidades”, todavia complementares, podem ser compreendidas na construção da memória individual ou coletiva de um povo.

José. J. Veiga constrói em seu romance **A Casca da Serpente** (1989), uma nova representação para a figura de Antônio Vicente Mendes Maciel, o célebre Antônio Conselheiro cuja presença ao longo da história canonizou-se principalmente pela forma como foi representado pejorativamente nos jornais e periódicos dos finais do século XIX¹²⁰, como também na notável obra de Euclides da Cunha: **Os Sertões** em 1902.

¹²⁰ Embora não seja tema central desse trabalho, a análise da construção identitária de Antônio Conselheiro nos jornais da época em que ocorreu a guerra de Canudos é necessário a fim de se compreender mais claramente a constituição da identidade de Antônio Conselheiro em **Os Sertões** e a reconfiguração dessa identidade em **A Casca da Serpente**.

MATERIAL E MÉTODOS

O cerne de discussão desta pesquisa partiu da tentativa de traçar paralelo entre as representações das figurações de memórias constituídas a respeito de Antônio Conselheiro, sob as bases da “identidade proclamada”, na constituição textual híbrida da obra **Os Sertões**, e da “identidade reclamada”, no âmbito da ficção em **A Casca da Serpente**. No entanto, para que esta finalidade tivesse êxito, tornou-se imprescindível antes entender-se conceitualmente as definições que Paul Ricouer apresenta para a categoria memória, lembrança, rememoração e esquecimento em **A História, a Memória, o Esquecimento**, (2007), bem como, as considerações que ele faz sobre a concepção de memória para a tradição filosófica antiga, bem como as observações que tece sobre a memória individual e coletiva, respectivamente a partir da tradição do olhar interior em Santo Agostinho e do olhar exterior em Maurice Halbwachs, e por fim o trato que ele dá a “fragilidade da identidade” a partir da tríade “consciência, si e memória” (RICOUER 2007, p. 105, 107, 115 e 130).

Buscaram-se bases teóricas para a compreensão da memória dentro das perspectivas histórica e literária tornou-se objetivo indispensável no presente trabalho, diante da demanda de se compreender os pontos de “intersecções” entre a história, a ficção, a memória e a imaginação, categorias importantes para esta investigação que se propôs a comparar duas obras que, em épocas distintas, falam de um mesmo personagem histórico. Eis um dos motivos pelos quais as discussões teóricas foram pautadas principalmente a partir das considerações das obras de Paul Ricouer, não só da última citada acima, como também de **Tempo e Narrativa** (1997).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do que foi investigado até o momento, houve no decorrer da construção representativa social de Antônio Conselheiro “abusos no uso da memória” de um lado, o que Ricoeur chama de “excessos de memória”, como também por outro lado, ocorreu o que este filósofo denominará de “insuficiência de memória”. A concepção de “abusos no uso da memória” Ricoeur busca compreender a partir do ensaio de Nietzsche: **Segunda Considerações Intempestivas, Da utilidade e desvantagens da história para vida**, no referido trabalho, Nietzsche aponta três modos pelos quais a história pode ser construída, a saber: a “Monumental”, a “Antiquária” e a “Crítica”. Destaca também os prejuízos e os benefícios que cada modo deste pode provocar pelo saber da história.

Entendeu-se a partir da leitura de Nietzsche que é necessário possuir-se certa dose de equilíbrio entre “o ato de esquecimento e lembrança”. O homem ou um povo precisa pensar o passado, mas pensá-lo não de modo contemplativo, mas sempre fazendo uso moderado de um dos modos de história apresentados acima. Para ter bom êxito nestes usos de história, seja a monumental, antiquária ou crítica, um homem, um povo ou uma cultura necessita fazer uso da “força plástica”, ela é a medida tênue da necessidade do que é verdadeiramente importante de se lembrar e de se esquecer do nosso passado (IDEM, p. 25,30-32). Creio que o uso desta “força plástica” pode ser percebida na possibilidade de construção da “identidade reclamada” nos limites da ficcionalidade em **A Casca da Serpente**, visando a desconstrução da “identidade proclamada”, presente em **Os Sertões**.

Verificou até este ponto de investigação que é pouco provável pensar que a constituição de Antônio Conselheiro em **A Casca da Serpente** seja autônoma a deste personagem em **Os Sertões**, vimos que

a constituição de uma “identidade reclamada” nos parâmetros da ficcionalidade, só pode ser realizável a partir da retrospectiva da “identidade proclamada” de Antônio Conselheiro na célebre obra de Euclides da Cunha.

CONCLUSÕES

A figura de Antônio Conselheiro cristaliza-se, sobretudo a partir da publicação do livro **Os Sertões**, onde termos, tais como “Psicose progressiva”, “doente paranóico” “caso franco de delírio sistematizado” (2009, p. 145-146) são fartamente utilizados por Euclides da Cunha ao referir-se ao religioso. Bem como, “matutos brancos”, “bandidos encurralados” adjetivos que o autor também faz uso para se referir aos conselheristas.

Quando José J. Veiga oferece para o seu “Antônio Conselheiro/Tio Antônio” um sentido diferente no presente, daquele apresentado por Euclides, é possível que ele busque atenuar o efeito negativo na constituição memorialística da figura de Antônio Conselheiro, sobretudo no livro **Os Sertões**.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, E. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. São Paulo: 3ª Edição. Editora Ediouro. 2009.
- _____. **Os Sertões** Volumes I e II. Obras Imortais da Nossa Literatura. Volume 10. São Paulo: Editora Três. 1973.
- NIETZSCHE, F. W. **Segunda Consideração Intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.

RICOUER. Pl. **A memória, a História o Esquecimento**. Tradução: Alan François [*et.al.*]-Campinas. São Paulo: Editora Unicamp. 2007.

VEIGA. José. J. **A Casca da Serpente**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 2008.